



## **A CIDADE, O BAIRRO E O CONJUNTO HABITACIONAL: o caso do COHAB do Parque Lago em Formosa-GO**

---

Rodrigo Capelle Suess

*Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal*

### **Resumo**

O Cohab do Parque Lago é uma repartição do espaço urbano do município de Formosa, com isto, o mesmo se insere na perspectiva da cidade, do bairro e do próprio arcabouço ideológico que envolve a criação de residenciais populares no Brasil. O Cohab, embora planejado, surgiu em um bairro criado por meio de ocupações irregulares que já havia vários problemas de ordem social e estrutural. O mesmo chama atenção por ser o maior residencial popular de Formosa-GO e também por concentrar em seu espaço pessoas que vieram de diferentes bairros da cidade e/ou de outros municípios da Ride. Isso levou ao estudo dos significados construídos por esses moradores nesse recorte espacial. Sendo assim, este artigo tem como objetivo conhecer o contexto histórico e espacial do Conjunto Habitacional do Parque Lago em Formosa-GO por meio da perspectiva da cidade, do bairro, do conjunto habitacional e por meio das relações simbólicas construídas pelos seus moradores. A investigação se vale de pesquisa bibliográfica e documental, além da síntese dos resultados encontrados a partir de entrevistas/conversas informais realizadas com moradores em 2014. Nota-se que as construções simbólicas espaciais são diversas e englobam a experiência, a ambiguidade, a ambivalência e como cada pessoa percebe o espaço vivido, sendo assim, permeada por subjetividades. Pode-se mencionar ainda uma gama de sentimentos topofilicos e topofóbicos, mesmo para aqueles que moram na mesma casa. Ao lado disso, observa-se que a qualidade dos serviços públicos também influencia nos significados construídos pelos moradores, apesar de uns se importarem mais e outros menos.

**Palavras-chave:** Simbolismo; Mundo vivido; Bairro; Residencial popular; Formosa-GO.

## ***THE CITY, THE NEIGHBORHOOD AND THE POPULAR RESIDENTIAL: study case of COHAB in Parque Lago in the Formosa-GO***

---

### **Abstract**

The Parque Lago's Affordable Housing is a breakdown of the urban space of the municipality of Formosa, with this, the same is inserted in the perspective of the

city, the neighborhood and of the ideological framework that involves the creation of popular housing in Brazil. O “Cohab”, although planned, emerged in a neighborhood created by irregular occupations that there were already several social and structural problems. The same calls attention for being the largest popular residence in Formosa-GO and also to concentrate in your space people who came from different neighborhoods of the city and / or other municipalities from RIDE. This led to the study of the meanings built by these residents in this space cutout. Thus, this article aims to know the historical and spatial context of the Parque Lago’s Affordable Housing in Formosa-GO through the perspective of the city, the neighborhood, popular residential and of the symbolic relations built by its residents. The investigation uses bibliographic and documentary research, besides the synthesis of the results found from interviews/informal conversations performed with residents in 2014. It should be noted that the symbolic spatial constructions are diverse and encompass the experience, the ambiguity, the ambivalence and how each person perceives the lived space, therefore, Permeated by subjectivities. One can also mention a range of topophilic and topophobic feelings, even for those who live in the same house. Next to this, it is observed that the quality of public services also influence on the meanings built by the residents, although some cared more and others less.

**Keywords:** Symbolism; Lived world; Neighborhood; Popular residential; Formosa-GO.

## INTRODUÇÃO

Estamos adentrando em uma cidade detentora de uma estátua religiosa, qual seja a do Cristo Redentor, em pleno Planalto Central. Fixada no alto de uma colina a mesma encontra-se na entrada/saída de Formosa, Goiás. Do Cristo se vislumbra em uma das porções da urbe um complexo residencial de muros fechados, com proteção máxima contra os males existentes além dos seus domínios. Fora desse seguro bolsão no meio urbano, avista-se igualmente do Cristo um conjunto habitacional popular (Figura 1) Ao contrário do primeiro, este não possui de complexos equiparados de segurança e bem estar. O muro que separa esses mundos remete à autosegregação, de um lado e, de outro, da segregação ou não. E é nesse espaço fora dos muros, sem proteção, ao vento da sorte, do cotidiano, dos encontros e desencontros que almejamos explorar nessa pesquisa.

Neste contexto, o presente trabalho procurou explorar o contexto histórico e espacial do Conjunto Habitacional do Parque Lago, situado na periferia do município de Formosa, em Goiás, próximo da BR020. Trata-se de um perímetro de moradia do projeto Minha Casa Minha Vida - MCMV do Governo Federal em parceria com a Prefeitura destinado às famílias com vulnerabilidades sociais. Sendo assim, este artigo tem como objetivo conhecer o contexto histórico e espacial do Conjunto Habitacional do Parque Lago em Formosa-GO por meio da perspectiva da cidade, do bairro, do conjunto habitacional e das relações simbólicas construídas pelos seus moradores.



**Figura 1.** Imagem captada em cima de um pequeno morro que resguarda uma cópia do Cristo Redentor do Rio de Janeiro.

Fonte: Rodrigo Capelle Suess, 2015.

Para atingir aos seus propósitos o trabalho se vale de pesquisa bibliográfica e documental, além da síntese dos resultados encontrados a partir de entrevistas/conversas informais realizadas com 18 (dezoito) moradores do Cohab no ano de 2014. O estudo se justifica por ser o primeiro que trata a respeito de conjuntos habitacionais em Formosa-GO e por trazer além da discussão política-econômica a dimensão simbólica dos lugares.

Nesse sentido, procurou-se, inicialmente, em cada seção conhecer a abordagem e perspectivas teóricas acerca da cidade, do bairro e do conjunto habitacional. Aliado a essas questões procurou-se relacioná-las com a realidade vivida, no caso, o município de Formosa, o bairro Parque Lago, e o Cohab do Parque Lago. Nessa última seção, visou-se ainda, desvelar a construção simbólica espacial estabelecida pelos moradores desse residencial.

### **A CIDADE: DA TEORIA A REALIDADE ESPACIAL DE FORMOSA-GO**

Na busca de um sinal que pudesse indicar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, Rolnik (1995) sustenta a imagem de um ímã, com se a mesma constituísse em um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens. A pensadora destaca ainda, esse meio enquanto espaço político, como mercado e como forma de escrita daqueles que a construiu, denotando seus

mundos e experiências. "Em suma são centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)" (LEFEBVRE, 1991, p. 4).

Como endossa Sposito, E. (2013), para compreendê-la não basta apenas observá-la ou nela viver, sendo necessária a verificação de sua dinâmica, de sua geografia e de sua história, em outros termos, ela engloba múltiplos processos que a modelam e a caracterizam, frutos dos movimentos e formas culturais manifestadas ao longo da história e do espaço.

Para Corrêa (2011), o processo de constituição é posto em ação pelos atores que modelam a organização do espaço, proprietários dos meios de produção, donos de terras, empresas imobiliárias e de construção associadas ou não ao grande capital, e o estado. Atores que excluem grande parte da sociedade de apropriarem de um bem necessário para a vida e a constituição de um lar, a moradia.

Como defende Santos, M. (2000), por meio de extensores e de programas de habitação popular, a cidade aumenta desmesuradamente a sua superfície total e o fenômeno da especulação. Ainda para o intelectual, morar na periferia, é na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que, pagando preços extorsivos. Esse aspecto não foge de uma característica da cidade de Formosa, cidade de médio porte e localizada na Região Metropolitana de Brasília (RMB).

Notamos também, que a periferia, igualmente, passou a se constituir em lugar das classes altas e que diferentemente das camadas mais pobres desbancam de infraestrutura e meios de locomoção próprios, produto da ação privada ou até mesmo do Estado que tende em privilegiá-las. Em Formosa, como exemplo, temos o Condomínio Santa Felicidade (Figura 1).

Scarlato (2011) denota a cidade também como um lugar de injustiças sociais, nota-se os bairros que registram as mais baixas rendas são sempre os menos equipados. Para Tuan (2012) em qualquer grande metrópole, as pessoas com rendas e status social diferentes vivem em partes separadas da cidade ou acabam conhecendo-a diferentemente, apesar de frequentarem os mesmo espaços. É o exemplo, da classe assalariada que trabalha nos bairros de classe alta, nos condomínios, sempre segregados a usarem o elevador de serviço ou entrar pela porta dos fundos.

Para Corrêa (2013), a segregação residencial resulta de uma política de classe (não exclusiva), sua espacialidade é complexa e pode ser entendida na escrita da história e a da geografia da cidade. O que leva Sposito, E. (2013) a destacar a existência de pessoas que possuem dezenas de lotes urbanos em contrapartida de uma maioria que não têm nenhum e quando possuem são muito pequenos e acabam não comportando dignamente os membros da família. O estudioso assegura que o Estado não é neutro politicamente, uma vez que, o mesmo também é empreendedor, legislador e tributador.

Nessa conjuntura, Formosa materializa todo processo de políticas públicas brasileiras, goianas e formosenses que representam o descaso da política em garantir habitação, especialmente, para as camadas mais pobres. Como menciona Alvarez (2013, p. 113), "para ter acesso a um 'pedaço' da cidade é preciso pagar por ele", ou seja, uma parcela da população não pode pagar por um pedaço e acabam sendo obrigados a morar em áreas de risco e em favelas.

Apesar de reconhecermos que a cidade abriga outras extensões, o que mais queremos destacar nesse trabalho é a cidade enquanto dimensão simbólica e enquanto esfera da vida. "A cidade tem uma dimensão *simbólica*; os monumentos, como também os vazios, praças e avenidas, simbolizam os cosmos, o mundo, a sociedade ou simplesmente o e Estado" (LEFEBVRE, 1991, p. 65, grifo do autor). Dessa forma, para o autor, o urbano não é nada menos que a obra dos cidadãos em lugar de uma obra imposta como um sistema, como um livro já terminado. Ainda alimentando a discussão, Mayol (2013, p. 152) destaca que "[...] a cidade se tornou de fato uma cidade aberta, profusão de símbolos, poema".

Como defende Carlos (2013) a cidade deve ser vista também, como uma forma de viver, pensar, agir e sentir. Dardel (2011) reverbera que uma cidade ativa, não deve ser visualizada como um espaço inerte, mas um espaço do movimento e da vida. E é nesse contexto, que trazemos a perspectiva do habitar a cidade. De acordo com Lefebvre (1991), a cidade envolve o habitar a partir do local em que constitui a vida privada, ponto de partida e chegada. Nesse viés, Carlos (2007) vê a necessidade de considerarmos o habitar enquanto relação entre a casa/vizinhança/rua/bairro. Sendo assim, ela também se constitui enquanto abrigo, "a cidade, como um abrigo, protege os seres humanos dos caprichos da natureza" (TUAN, 2013b, p. 9).

Assim, segundo Certeau e Giard (2013, p. 199) "a cidade já é sua permanente e móvel exposição: mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar, traçam as invenções nascidas de memórias ignoradas. Fascinante teatro, que se compõe dos gestos sem número [...]". Como ressalta Santos, C. (2002), a produção do espaço urbano não se delimita apenas através dos atores tomadores de decisões, pois os usuários e consumidores desse espaço também a produzem, por meio de suas práticas e representações cotidianas. Como conclama Carlos (2007), o ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Sendo assim, a autora considera que o sujeito encontra na cidade o produto, a condição e o meio para que isso aconteça, localiza também a referência para se constituir e se afirmar enquanto sujeito. Dessa maneira, ao produzir sua vida, ao utilizar o lugar, o sujeito produz/reproduz o espaço urbano e a sociedade (CARLOS, 2007).

Para Certeau (2008, p. 174) "[...] a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía". Como explica Lefebvre (1991, p. 15), a "vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos 'padrões' que coexistem na cidade". Em outras palavras, a cidade guarda em si, a existência de seres que são e querem ser, seres que se

movimentam, que lutam por seus ideais, comportamentos que dificilmente poderiam ser enquadrados em planos, projetos e tabelas estatísticas.

Lefebvre (1991, p. 55) afirma que existe uma metalinguagem da cidade e "destaca a necessidade de conceber a cidade como um sistema semântico, semiótico ou semiológico, a partir da linguística, da linguagem urbana ou da realidade urbana considerada como um conjunto de signo". Assim, o escritor vê a necessidade de considerar aquilo que pouco se registra, mas que existe, que faz sentido e controla a vida urbana, ou seja, a vida cotidiana, as relações imediatas, o inconsciente do urbano, aquilo que se esconde nos espaços habitados, pois, para tal:

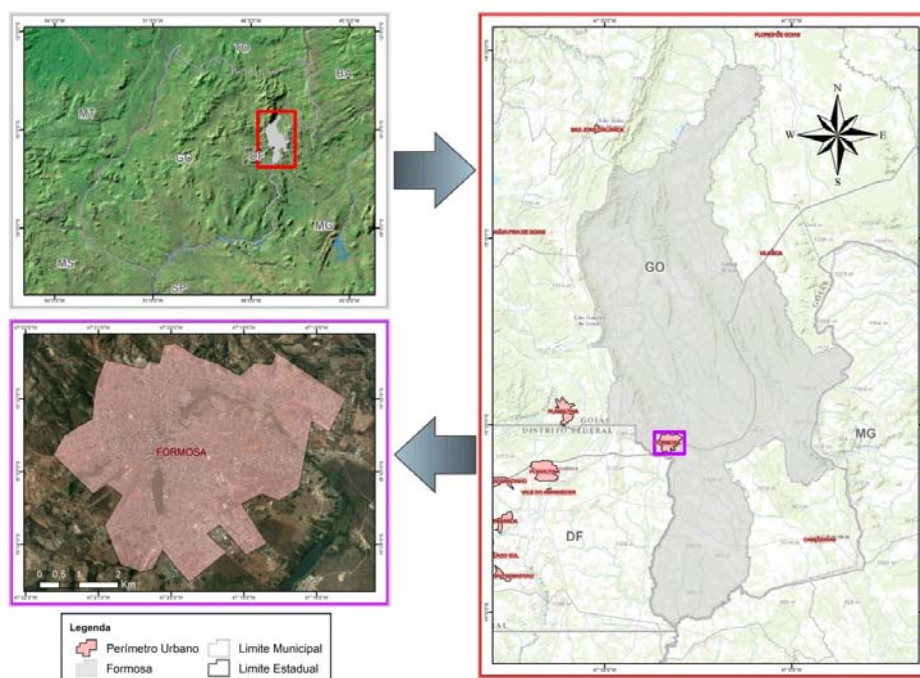
Existe a fala da cidade: aquilo que acontece na rua, nas praças, nos vazios, aquilo que aí se diz. Existe a *língua* da cidade: as particularidades próprias a uma tal cidade e que são expressas nas conversas, nos gestos, nas roupas, nas palavras e nos empregos das palavras pelos habitantes. Existe a *linguagem* urbana, que se pode considerar como linguagem de conotações, sistema secundário e derivado no interior do sistema denotativo. [...] Finalmente, existe a escrita da *cidade*: aquilo que se inscreve e se prescreve em seus muros, na disposição dos lugares e no seu encadeamento, em suma, o *emprego do tempo* na cidade pelos habitantes dessa cidade (LEFEBVRE, 1991, p. 64, Grifo do Autor).

Nessa amálgama que almejamos seguir, na perspectiva de captar a língua, linguagem e escrita da cidade de Formosa-GO, mas especificamente, de um recorte espacial que se insere nesse espaço urbano - um conjunto habitacional. Todavia, antes de conhecermos melhor essa realidade, propomos discutir a cidade de Formosa, e o bairro Parque Lago.

O município de Formosa, que é um dos principais municípios goiano, se encontra entre os 10 mais populosos do estado, além de estar na 11ª colocação entre as melhores infraestruturas produtivas de Goiás (VIEIRA, 2010). A sede do município localiza-se na latitude 15°32'14"S e longitude 47°20'04"W, com altitude média de 918 metros (Figura 2). Além do núcleo urbano, que resguarda a sede do município, conta com três distritos: Bezerra, Santa Rosa e Juscelino Kubitschek (BRASIL; GOIÁS; FORMOSA, 2003).

Formosa se enquadra na mesorregião do Leste goiano e na microrregião do Entorno de Brasília, segundo classificação do IBGE, e na região de planejamento Entorno de Brasília, segundo classificação do Estado de Goiás (ARRAIS, 2011). Sua sede localiza-se a 79 km da Capital Federal e a 280 km de Goiânia. Atualmente o município, juntamente com outros do entorno do Distrito Federal, faz parte da Região de Desenvolvimento Integrado do Distrito Federal e Entorno - Ride (BRASIL; GOIÁS; FORMOSA, 2003).





**Figura 2.** Mapa do município de Formosa

Fonte: GOMES, 2015.

A cobertura vegetal original é do bioma Cerrado, marcada pelas fitofisionomias Cerrado Ralo, Campo Sujo e manchas de Cerrado Denso (VIERA, 2010). Claramente essa vegetação vem sendo degradada ao longo do tempo, em especial, pós-construção de Brasília e Revolução Verde a partir da década de 1960. Segundo a classificação climática de Köppen, apresenta clima tropical Aw, com verão úmido e déficit hídrico no inverno. As chuvas nessa região de Cerrado mostram-se bastante particulares, especialmente quanto a sua sazonalidade e flutuação na precipitação mensal, no período chuvoso apresenta valores altos de precipitação além de apresentar períodos de interrupção de precipitação, o conhecido veranico (ASSAD, 1994).

Sua rede hidrográfica é diversificada, composta por lagoas, rios e nascentes que fazem parte de três bacias hidrográficas, a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná. "Berços das Águas do Brasil" é a homenagem do poeta Leo Lince que faz menção a esse fato (VIERA, 2010). Existe uma diversidade de quedas d'água no município, oriundo de sua localização geográfica e condições morfoclimáticas típicas de Planalto, afinal, boa parte do território formosense se encontra no Planalto Central.

A economia do município é, predominantemente, voltada ao setor de serviços. Em 2011, apresentou um PIB per capita inferior ao estadual e nacional (IBGE, 2016). O setor primário, embora seja o que menos emprega no município, apresenta cinco

vezes mais pessoas trabalhando nele que em outros municípios da Ride (BRASIL; GOIÁS; FORMOSA, 2003). Contudo, é marcante na paisagem urbana de Formosa o número de empresas que prestam serviço ao setor primário, não apenas do município, mas também ao setor primário de algumas cidades da região de planejamento do Entorno do Distrito Federal, como Cabeceiras e Vila Boa e para boa parte das cidades do Nordeste Goiano (SANTOS, C., 2014).

De acordo com o último censo (2010), Formosa possui 100.085 habitantes (IBGE, 2010), contudo estima-se, para 2016, 114.036 pessoas (IBGE, 2016). A maioria da população é feminina, vive em área urbana e é constituída de uma faixa etária de 20 a 49 anos (IBGE, 2010). O crescimento populacional, em especial, o urbano, apontado no Brasil nas últimas décadas, atingiu a cidade e se manifestou, notadamente, na distribuição do território e na especulação imobiliária. Por conseguinte, tais fatores desencadearam problemas relativos à falta de moradia.

O censo de 2010 apontou um crescimento de 58,8% da população formosense, numa taxa média de 3,3% ao ano. Nesse sentido, em pouco menos de dez anos, a população quase duplicou: passou de 62.982 habitantes em 1991, para pouco mais de 100.000 habitantes em 2010 (IBGE, 2010). Resultante desse crescimento, os conjuntos habitacionais têm apontado como solução por meio do poder público para resolução do problema.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do ano 2010 é de 0,744, considerado de médio desenvolvimento humano, segundo Atlas de Desenvolvimento Humano do ano 2013, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil (PNUD, 2013). Entre os fatores do IDHM, educação, longevidade e renda, destaca-se o de longevidade com um indicador de 0,852.

Como aprofunda Silva (2011), o aumento populacional ocorrido nesse município, evidentemente, provocou o surgimento de novos bairros e por conveniência de seus administradores, a divisão territorial da cidade está dividida em unidades denominadas como Bairro, Vila, Jardim, Parque e Setores. O autor (2011) em sua pesquisa identificou 54 unidades territoriais no espaço urbano de Formosa, informação relevante, uma vez que não existe regulamentação oficial de nenhuma dessas áreas, segundo a unidade regional do IBGE no município.

Embora o município tenha 172 anos de história, comemorado todo ano no dia 01 de agosto, certamente as grandes transformações se deram a partir da concretização da capital goiana, Goiânia, e da construção da capital federal, Brasília, especialmente essa última devido a sua proximidade. Para Gomes, Neto e Barbosa (2004, p.107) “[...] se Brasília não existisse, muitas cidades goianas, como Luziânia e Formosa, por exemplo, certamente não passariam, hoje, de centros urbanos de pequena importância na escala do estado”. Sobre essa questão, Chauvet (2005, p. 370) ressalta que “foram tantos os pedidos para a construção de novos bairros e setores que em 1964 foi aprovado a nova planta geral da cidade”. Nesse sentido, de acordo com Teixeira e Barreira (2007, p. 194), “a cidade está num



canteiro de obras no seu núcleo e na sua periferia, ou seja, vê-se a cidade se movimentando em direção um crescimento exacerbado”.

Outro acréscimo na população do município se deu em virtude da migração de sulistas e nordestinos a partir década de 1960 (GRAEBIN, 2008). As inovações decorrentes da Revolução Verde abriram espaço para o cultivo no Cerrado. Nesse sentido, a nova capital federal atraiu pessoas de todas as regiões do país, que procuravam melhores condições de vida. Entretanto, os altos custos de vida em Brasília, fez com que os migrantes se deslocassem para o entorno mais próximo, área conhecida como região goiana do Entorno do Distrito Federal (ARRAIS, 2004).

Tal movimento impulsionou intensas transformações no estilo de vida e na configuração do espaço do município de Formosa, que passou a ter uma população majoritariamente urbana. Em consequência, desencadeou-se um processo de ocupação descontrolado e sem planejamento. Nesse sentido, para Gomes (2015) o cenário urbano em construção da cidade de Formosa-GO é composto por um conjunto indissociável de ações do tempo e dos sujeitos existentes o que possibilita a formação de um mosaico urbano de inúmeros contrastes e disparidades.

A cidade parece ocupar diversas funcionalidades na região, ora de mais destaque, ora de coadjuvante. Para a população dos municípios do Nordeste Goiano, a cidade de Formosa é uma cidade-referência, como ressalta Graebin (2008), em virtude da inexistência de infraestrutura urbana nessas localidades. Assim, Formosa se torna atrativa pelo atendimento médico-hospitalar, algumas opções de lazer, emprego, serviços relacionados à agricultura e, especialmente, pelo número de cursos de nível superior público e privado ali presentes. Como destaca Vieira (2010), a cidade é um polo regional de formação de professores. Por isso muitos professores que atuam no ensino no Distrito Federal e no Nordeste Goiano foram formados em Formosa.

O protagonismo do município é convertido quando visto em relação a Brasília, que é procurada pelos formosenses por motivos semelhantes, como atendimento médico-hospitalar, cursos de nível superior, opções de lazer, consumo e emprego, além de apresentar uma rede mais consolidada de serviços. Contudo, é comum notar o fluxo inverso nos fins de semana e feriados, ou seja, a população de Brasília, que procura lazer voltado ao usufruto das belezas naturais, recorre a Formosa. Da mesma forma, o município atende algumas necessidades de abastecimento de Brasília, como fornecedor de mão-de-obra barata, produtos hortifrutigranjeiros, carne, entretenimento voltado a festas e ao turismo, moradia barata, além de ser cada vez mais recorrente a compra de terras por brasilienses, para implantação de sítios e chácaras como moradia de lazer (BRASIL; GOIÁS; FORMOSA, 2003; TEXEIRA, 2005).

A respeito da identidade do povo formosense, é forte a identificação com a cultura e costumes do Nordeste Goiano, tendo em vista que a centralidade de Brasília não abarcou por completo essa região. Tal cultura se relaciona como um modo de viver mais rural do que urbano. Em contrapartida, é forte a atuação ideológica e cultural

de Brasília. Existe uma clara preocupação da perda de identidade formosense por parte dos políticos, pioneiros e estudantes da cidade. Um exemplo dessa influência é que, cada vez mais, formosenses participam da vida sócio-cultural da capital federal e absorvem hábitos mais sofisticados ligados a uma cultura metropolitana, conforme atesta Teixeira (2005).

Como reafirma Teixeira (2005), o município transita entre duas problemáticas, quais sejam portal e polo, existindo uma intensidade espacial diferente. Nesse sentido, há uma reconstrução de significados a respeito do imaginário que se tem do município, suas fronteiras parecem estar cada vez mais flexíveis impulsionada pela competitividade econômica. Entretanto, existe a possibilidade de Formosa expandir, ainda mais, sua influência para o lado do Nordeste Goiano, criando assim um espaço identitário distinto daquele estabelecido pelo DF. Desse modo, a utopia da Capital Federal se constituir num eldorado desenvolvimentista é cada vez mais contestada pelos formosenses. Além disso, existe uma tendência que o município de Formosa se torne uma propensa área de capacitação, dos excedentes oriundos dos municípios próximos (TEIXEIRA, 2005).

Dessa feita, procuramos conhecer na próxima seção, um pouco mais sobre uma divisão territorial da cidade de Formosa, o bairro do Parque Lago, repartição que foi construído o conjunto habitacional do mesmo nome.

#### **O BAIRRO: DA TEORIA A REALIDADE ESPACIAL DO PARQUE LAGO – FORMOSA-GO**

Segundo Souza (2013) a escala do bairro se encontra na escala intraurbana, ou seja, àquela da organização interna da cidade. Porém, antes de entrarmos, especificamente, no bairro Parque Lago, que se constitui em uma escala de análise entre a cidade e o objeto de estudo a ser analisado, procuramos discutir a noção de bairro.

Para Fremónt (1980, p. 30) o bairro apresenta-se como "o lugar carismático" da espontaneidade, do conhecimento, e também o território do face a face e do controle social, do explorado, sem imprevisto, no qual nos deslocamos sem esforço e perda de tempo. O bairro enquanto apropriação simbólica é o distrito que conhecemos razoavelmente bem, seja pela experiência ou pela fama. O Bairro geralmente é um distrito no qual sentimos em casa ou onde residimos (TUAN, 2012). "Estamos ligados a este lugar pelas lembranças... É pessoal isto não interessa a ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito de um bairro" (CERTEAU, 2008, p. 189).

A ideia de bairro é abstrata apesar da tentativa de delimitação pelo poder público e planejadores. Contudo, essa ideia nem sempre vai ao encontro com a noção de bairro do morador. O bairro funciona como um recorte espacial do espaço da cidade no qual os indivíduos mais frequentam e atendem as suas necessidades básicas. A casa funciona como centralidade maior desse espaço íntimo (TUAN, 2012). "De um modo geral, as pessoas quando se referem a um bairro não levam em consideração os seus limites" (MATTOS, 1995, p. 57), o mesmo é "demarcado e

consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradoras relações de parentesco, vizinhança e compadrio" (HALLEY, 2014, p. 44).

Essa noção conjuga estar perto das pessoas bem quistas, conhecidas, no qual desenvolvemos laços de amizade e fidelidade, apesar de todos possuírem a necessidade de privacidade. A localização e a distância entre as pessoas, tendo como ponto de partida a casa, influenciam a relação de gostos pelos lugares, pois os seres humanos estão interessados em seus semelhantes e nos objetos importantes para a sua vida, apesar das pessoas nos restringirem, elas podem também ampliarem nosso mundo (TUAN, 2013a). "Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto" (TUAN, 2013a, p. 171).

O bairro revela também o espaço da rua, o caminhar, o descobrir-se enquanto sujeito que é e estar sendo sujeito multidimensional, sujeito que é do mundo, mas antes de tudo, é de seu bairro, de sua rua, de sua casa, esses espaços dão subsídios para o projetar.

No que tange o assunto, para Carlos (2007, p. 46-47) constitui-se como um elemento revelador da vida cotidiana, "do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como, através dele desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência e de vida, pois marca a simultaneidade do cheio e do vazio e das temporalidades diferenciadas". Como sustenta Dardel (2011) "a cidade, como realidade geográfica, é a rua. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante habitante, artesão". Ainda, para Mayol (2013, p. 47, grifo do autor), "sair à rua significa correr o risco de ser *reconhecido*, e, portanto, *apontado com o dedo*".

Esse espaço permite o caminhar, e o caminhar para De Certeau (2008, p. 183), "é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio". Mas, é também, o transitar para o encontro do lugar, para seu retorno, é o buscar o trabalho, o sustento que lhe mantém no lugar, é o ir às compras, satisfação do alimentar, do corpo e do espírito. Assim, o caminhar media a relação de espaço e lugar, tão importante para nós. Necessitamos de segurança, mas necessitamos também de ousar, de explorar, de arriscar, ir ao rumo do incerto e, às vezes, acertar, e, às vezes, errar. Dessa forma, o caminhar não se define, ele é construído por nós. Mesmo assim, "os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares" (CERTEAU, 2008, p. 176).

Essas descrições nos levam a refletir o quão complexo e rico se constitui a "ecologia" de um bairro. Em termos gerais, para Mayol (2013, p. 45-46), o bairro se constitui em "um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público" e se define "como uma organização coletiva de trajetórias individuais". A dimensão política (relação com os vizinhos), econômica (relação com os comerciantes), etológica (sentimentos difusos de estar no próprio território), cultural e social fazem o bairro se tornar não apenas um objeto de um conhecimento, mas de reconhecimento (MAYOL, 2013).

Segundo Tuan (2012), o bairro mesmo não oferecendo as infraestruturas básicas e não significando, visualmente, o melhor lugar do mundo, pode oferecer para os indivíduos que ali residem um sentimento afetivo. Anseio que, muitas vezes, não necessariamente encontramos em bairros de classe média. O fator principal, para o humanista, está nas pessoas que ali residem e como elas se relacionam. Aspecto que foi identificado na pesquisa realizada no Cohab do Parque Lago, isto é, aquele espaço mesmo não oferecendo serviços públicos básicos, e sendo visto pelos não moradores como um local padronizado e esteticamente não muito atrativo, seus moradores identificaram diversos sentimentos de afeto.

Tuan (2012) realiza algumas generalizações sobre a percepção da imagem urbana. Para o pesquisador a ideia de bairro é muito difícil de apreender, o que envolve toda complexidade de discutir o espaço íntimo para as diferentes classes; a relação com as pessoas circunvizinhas delimitam como as pessoas percebem o meio ambiente mais do que a sua infraestrutura; a imaginabilidade de uma cidade por uma pessoa não necessariamente melhoram muito com a experiência e, por último, uma cidade grande é conhecida por meio de dois níveis: um de grande abstração e outro de experiências específicas.

Em sua tese realizada na área urbana de Formosa, segundo Silva (2011), o Parque Lago é um bairro periférico; tem histórico de ocupação por uma população de classe econômica menos privilegiada, uma vez que a renda média ficou entorno de 1.790,00 reais; a produção residencial se deu por meio de autoconstrução individual; a média de moradores por habitação encontrada foi de 4,4 pessoas; a cor prevalecente foi a parda; há um presença significativa de migrantes de outros estados, representada por 64% dos entrevistados; a média de tempo de moradia foi de 6,7 anos, uma vez que sua constituição inicia-se a partir do final dos anos 1990.

O autor (2011) observa ainda, a existência recente de parcelamentos do solo em lotes, no qual as residências encontram-se em arruamentos e calçadas estreitas, exceto, uma rua central com canteiro divisório. De modo geral, o pesquisador caracteriza o bairro com uma arquitetura de arruamento irregular em quadrantes, com pavimentação e iluminação pública. O geógrafo notou ainda, a existência de uma parcela de domicílios sem ligação à coleta pública, portanto, com o uso de fossa séptica.

Os bairros mais pobres e recentes da cidade apresentam mais problemas, principalmente, de infraestrutura e de mobilidade intraurbana. No caso do Parque Lago, apresentou baixa condição de propriedade dos domicílios pelos moradores, destacando a sua procura pela acessibilidade dos aluguéis para a classe C e D (SILVA, 2011).

No próximo passo conheceremos o Conjunto Habitacional do Parque Lago, que apesar de se localizar nesse bairro, se destoa, visto que é uma construção mais recente e pela a forma de construção, planejada pelo poder público.

### O CONJUNTO HABITACIONAL: DA TEORIA A REALIDADE ESPACIAL DO COHAB DO PARQUE LAGO – FORMOSA-GO

Os conjuntos habitacionais aparecem como um produto político e ideológico para responder às necessidades de grupos sociais, provocando transformações, principalmente, aquelas que envolvem o espaço urbano. Frente a um processo de valorização dos espaços urbanos por meio da especulação imobiliária e a resignificação dos espaços, indivíduos encontram-se impossibilitados de adquirirem um espaço de moradia. Restando algumas opções, a junção de movimentos sociais que lutam pela causa e também à espera na lista do sistema público de construção de casas populares.

Os conjuntos habitacionais, podem ser visto de dois lados, primeiro como uma solução relativamente barata para questões e desaceleração dos problemas habitacionais nas cidades e, também, como uma forma de imposição ao cotidiano àqueles que habitam o espaço urbano, não respeitando as particularidades, gostos e desejos dos futuros moradores (SANTOS, C., 2002).

Denunciando essa questão, Santos, M. (2000) expõe que:

[...] diante de situação explosiva nas cidades em face da proximidade de eleições, foi decidido construir casas para os mais pobres, foi para lhes dar habitações que já nasciam subnormais, neste caso sem aspas. A normalidade estabelecida o para os pobres, por definição oficial, aconselhada e definida por pseudo-intelectuais, passou a autorizar a construção de habitações tão pequenas que conduzem a toda espécie de confinamentos e promiscuidade. Na cabeça tortuosa de tais técnicos, as pessoas têm necessidades essenciais em função da classe a que pertencem. Não foram esses mesmos que traçaram ou desenharam os famosos quartos de empregada lado a lado com os quartos muito mais amplos dos patrões? Tais fatos, relativos à "normalidade" da moradia dos pobres, são praticamente aceitos pela sociedade, isto é, por uma classe média não culta (SANTOS, M., 2000, p. 47).

O espaço não pode ser entendido apenas como um receptáculo dos estigmas da sociedade, refletindo seu modo de produção, de pessoas, capitais, símbolos, mas também deve ser visto como participante desse processo. Essas residências padronizadas, aqueles destinados a grupos sociais de menor renda, aparecem como uma nova forma de produzir o espaço, dada a demanda de habitação para a classe trabalhadora. Realizada pelo poder público, apoiada pela classe média,

reivindicada pelos movimentos sociais, esses conjuntos aparecem como opção oficial frente ao problema de habitação nas cidades (CORRÊA, 2011).

Pode não atender perfeitamente as reivindicações, ora por ausência de instrumentos e serviços públicos, ora pela qualidade da edificação e dimensões, mas ameniza-os na medida em que assenta as pessoas em paisagens, que por vezes, desagradam aos olhos pela sua homogeneidade e padronização. Segundo Sposito, M. (1997), esta homogeneização que ocorrem nas paisagens e nos hábitos, não pode ser trocada e confundida pela homogeneização das funções dos lugares, ou seja, a aparência não pode ser confundida com a essência.

A dinâmica do sistema vigente de exclusão e inacessibilidade das massas aos espaços da cidade, devido um controle territorial de atores hegemônicos e um Estado omissivo e concordante com tal sistema, vêm criando uma marginalização e acentuação da segregação entre classes sociais. Mesmos esses grandes complexos residências, conhecidos como conjuntos habitacionais, não garantem uma moradia digna e humana para aqueles que ali coexistem. Apesar da tentativa de tirar parcela da população das áreas de riscos, esse projeto frente à sociedade ainda não se apresenta como a melhor opção para resolver o problema de habitação no país.

De acordo com Silva (2011, p. 120), a cidade de Formosa, com a caracterização econômica adquirida e o aumento populacional de sua área urbana, "resultou na necessidade de promover novos espaços para habitação, onde foram construídos espaços habitacionais marginais e segregados, com evidências de práticas fisiológicas e assistencialistas". Nessa conjuntura, segundo a Superintendência de Habitação e Regularização Fundiária de Formosa, a cidade conta com sete conjuntos habitacionais, a maioria deles inaugurados nos últimos 13 anos (Quadro 1). Como podemos observar neste quadro, o município possui ao todo 2006 unidades habitacionais, o maior é o conjunto Habitacional do Parque Lago, nosso objeto de estudo (Figura 3).

**Quadro 1.** Relação de conjuntos habitacionais em Formosa-GO.

Nome do Conjunto Habitacional	Quantidade de habitações	Data de Inauguração
Parque Lago	500	2010
Padre José	110	1998
Bela Vista	227	2011
Lagoa dos Santos	283	2003
Jardim Planalto	496	2013
Parque da Colina	39	2011
Netinho	71	2007
Nova Formosa	280	2004
Total:	2006	-

Fonte: Superintendência de Habitação e Regularização Fundiária, 2015.





**Figura 3.** Localização do conjunto habitacional do Parque Lago no município de Formosa - GO.

Fonte: O autor (2015).

Como relatado esse Cohab não é o único da cidade e nem o primeiro, mas sem dúvidas é o maior com um total de quinhentas casas o que resulta em quinhentas ou mais famílias vivendo nele. Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011) famílias com renda per capita de até R\$ 127,50 apresentaram a média de 4,2 pessoas. Silva (2011) divulga para o Parque Lago uma média de 4,4 pessoas por residência. O que significaria que, possivelmente, poderíamos encontrar no mínimo de 2200 pessoas residindo nesse residencial. O mesmo localiza-se na periferia da cidade, próximo aos bairros São Benedito e Formosinha. Faz divisa com o Instituto Federal de Goiás - IFG, com o parque de exposições da cidade, além da BR 020 que permite acesso a Brasília.

Segundo dados de seu projeto, propriedade da Prefeitura Municipal de Formosa e assinado pela arquiteta Cybelle Saad Sabino de Freitas Faria (CREA 5772/D - GO), a área total do parcelamento do solo é de 217.056,78 m<sup>2</sup>, 125.161,82 m<sup>2</sup> (57,65%) divididos em 528 lotes destinados a residências, 14.557,81 m<sup>2</sup> (6,71%) destinados a 8 áreas verdes, 3.482,74 m<sup>2</sup> (3.482,74 m<sup>2</sup>) para 3 áreas institucionais e o restante (73.854,41 m<sup>2</sup> - 34,03%) para arruamento.

Como podemos observar na planta do Conjunto habitacional (Figura 4), existem ao todo 31 (trinta e uma) quadras, sendo 21 (vinte e uma) delas destinadas as habitações, percebemos também que o conjunto habitacional possui 27 (vinte e sete) ruas e 1 (uma) avenida principal, todas elas fazem referência a nomes de pássaros.



**Figura 4.** Planta do conjunto Habitacional do Parque Lago.

Fonte: Agência Goiana de Desenvolvimento Regional, 2011.

O Cohab conta ainda com um centro multiuso, e se encontra em andamento a construção de uma creche, um centro olímpico, um anfiteatro, uma escola que visa atender 600 crianças, além da ampliação de um posto de saúde, a maioria desses recursos são do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC (AGDR, 2014). Observamos que após a inauguração do Cohab a Escola Municipal Valda Miranda, escola mais próxima do conjunto, teve que ser ampliada para atender a demanda.

Esse residencial popular deve-se ao Programa de Urbanização de Favelas, através do Convênio nº. 227.250-20/2007, celebrado entre a União, por meio do Ministério das Cidades, representada pela Caixa Econômica Federal e pelo Estado de Goiás. Foi entregue uma área de 38,77 m<sup>2</sup>, construída em alvenaria, cobertura de telha de barro, com instalações hidráulicas e elétricas, contendo 02 (dois) quartos, sala, cozinha, banheiro, varanda e área de serviço. Com infraestrutura com rede de água, esgoto, energia elétrica, pavimentação asfáltica e iluminação pública.

Orlando Teixeira de Paula, Coordenador de projetos da Secretaria Municipal de Obras de Formosa da gestão passada (2012-2016) forneceu algumas informações importantes a respeito da criação do conjunto habitacional do Parque Lago. A atual área foi desapropriada em 2010, foram entregues previamente as casas para os cadastrados e selecionados pela prefeitura, que seguiu critérios de vulnerabilidades socioeconômicas, tais como renda familiar até R\$ 1.050,00, condições subnormais de moradia, situação de risco ou insalubridade e outras de forma gratuita para uso exclusivo de fixar moradia. Até 2013 a autonomia para assinar contrato de concessão real de uso e a administração do residencial popular era de responsabilidade da Agência Goiana de Desenvolvimento Regional - AGDR,

passando para a Prefeitura Municipal de Formosa essa função e responsabilidade nesse mesmo ano.

O Contrato de Concessão de Direito Real de Uso possui nove cláusulas, tratam-se a respeito da concessão do município de forma gratuita; do fim destinado à Cohab, ou seja, a moradia; das regras a serem seguidas para adquirir o direito a propriedade ao final dos 5 anos; da intervenção da concessionária mediante autorização da concedente; da rescisão do contrato; do caso de falecimento e transferência e do foro de Formosa-GO para dirigir quaisquer questões referentes ao contrato.

Anteriormente a esse contrato, houve rigorosa seleção por parte da Prefeitura Municipal para os candidatos que se dispuseram passar pelo processo. Os pretendentes participaram de entrevistas e reuniões obrigatórias. Dessa forma, os beneficiados receberam antes desse acordo, dois documentos que registravam o benefício e o vínculo com o programa, o Termo de Adesão e o Termo de Identificação Beneficiário/Casa.

Para a participação no programa foi exigido alguns critérios, além dos critérios de vulnerabilidades socioeconômicas, já citadas nesse trabalho, o beneficiário teria que estar residindo no município pelo menos há 5 anos, não ser titular de contrato de financiamento obtido com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) ou em condições equivalentes ao Sistema Financeiro da Habitação - SFH; Não ser proprietário, promitente comprador ou titular de direito de aquisição, arrendamento ou uso de imóvel residencial, regular, com padrão mínimo de edificação e habitabilidade; Não ter recebido benefícios similares oriundos de recursos orçamentário da União; Estar inserido no CADÚnico e ser, preferencialmente, famílias com idosos, famílias com portadores de deficiência ou famílias chefiadas por mulheres. Esses critérios serviram de modelos e foram em sua boa parte aperfeiçoados pelo Decreto n. 3.463/2012, que passou a regulamentar os critérios para seleção de famílias para os programas Habitacionais do Município de Formosa-GO. Notamos que mais recentemente o processo de seleção passará por um sistema de pontos que indicará o nível de necessidade de cada família.

Observamos que por meio desse processo existe uma exclusão de diversos sujeitos interessados em alcançar o direito estável de moradia, há também uma estereotipização por parte do programa e do regulamento do perfil de pessoas que podem pleitear uma vaga. Essas questões quando materializadas no espaço, acrescidas de descaso e falta de assistência com esse local, gera o processo de segregação simbólica, social e econômica.

### **A construção simbólica espacial estabelecida pelos morados no Cohab Parque Lago – Formosa-GO**

Mas, então, seria possível desenvolver e construir um sentido de lugar nesse espaço? Para responder essa questão recorreremos, primeiramente, a uma

discussão teórica para somente depois apresentar resultados de uma pesquisa realizada em 2014 que teve como objetivo descortinar os significados construídos, ao longo do tempo, pelos moradores de um conjunto habitacional localizado na periferia de Formosa, Goiás por meio de entrevistas/conversas informais com 18 moradores.

Como indaga Carlos (2013, p. 92) "é preciso decifrar os significados mais profundos do urbano, é preciso traduzir a vida urbana em sua realidade prático-sensível". Para Santos, C. (2002) o espaço do conjunto habitacional, comporta os diversos significados simbólicos de seus habitantes, sendo que é na prática cotidiana e no mundo vivido que os moradores são capazes de forma criativa e singular romper com os padrões socialmente preestabelecidos, através de suas diversas formas de viver. "Desta forma, o espaço desconhecido e até mesmo temido de outrora, transforma-se num lugar onde os moradores atribuem sentimentos e afeição" (SANTOS, C., 2002, p. 123).

Como defende Certeau e Giard (2013), a diversidade dos lugares nem se compara à multiplicidade das funções e práticas impregnadas nos espaços privados pelos seus moradores. Uma vez que "a vida entretém e desloca, ela usa, quebra e refaz, ela cria novas configurações de seres e de objetos, através das práticas cotidianas dos vivos, sempre semelhantes e diferentes" (p. 207). Independentemente de ser padronizado ou não, para Certeau e Giard (2008), um lugar habitado pela mesma pessoa durante um determinado tempo acaba esboçando um retrato semelhante, logo criando uma identidade que o particulariza e permite reconhecer quem o habita. Bollnow (2008, p. 62) esboça que "quando mudamos de moradia, o mundo é de certa maneira reconstruído, e a partir da nova moradia [...] o que até aqui estava na periferia passa para o centro, e vice-versa".

"Na visão fenomenológica, a cultura é uma colcha de retalhos, 'pedaços' de vários tamanhos e naturezas diversas, juntados aleatoriamente por processos históricos locais, resultando em configurações únicas no tempo e no espaço" (HOEFLE, 2012, p. 18). Nesse véis, consideramos aqui a construção do sentido de lugar no Conjunto Habitacional do Parque Lago como a tecelagem da colcha de retalhos.

A cocha de retalhos tecida pelos indivíduos pesquisados nesse Cohab é bem diversa e não poderia deixar de ser. Nela encontramos recortes trançados em conjunto e também individualmente. No coletivo a construção de significados pode ser particularmente íntima como igualmente compartilhada. Neste cenário, essas construções são permeadas de subjetividade e intersubjetividade.

Em ambos há uma gama de linhas, cores e extensões de retalhos, bem como na intrincada costura do dia-a-dia. As linhas, os laços de amizade, contêm características diferentes, tais como resistência, força, elasticidade, espessura e material de composição. Os retalhos são de múltiplas cores, pertinentes a cirandas, umas mais alegres outras menos envolventes mais opacas e discretas. A forma como estão distribuídos em sua extensão é de uma variabilidade notável.

Podemos encontrar cores alegres com outras, assim como as mais opacas. Esses retalhos dizem a respeito ao leque do universo vivido. Porém, não há regra específica, o azul e amarelo pulsantes do céu e dos raios solares – uma experiência pulsante sobre o lugar – podem desabrochar e conviver no meio ao cinza de um dia nublado. O tecido nem sempre é da mesma qualidade, são tantas resistências, espessuras e transparências quanto os gostos de seus alfaiates. Assim como na colcha de retalhos, no mundo da vida os valores e significados podem variar ou mesmo se entrelaçarem em uma teia semelhante ou diversa para os indivíduos e grupos sociais.

Sendo assim, evidencia nas pesquisas realizadas no Conjunto Habitacional do Parque Lago, em Formosa, Goiás, a emergência de sentidos topofílicos e topofóbicos diferenciados, apesar de habitarem o mesmo bairro ou até a mesma casa. Sem generalizar, entendemos que aqueles detentores de uma maior idade e, por consequência, uma maior experiência do mundo reconhecem o lugar/Conjunto Habitacional com muito fervor e mesmo louvor. Suas trajetórias permeadas de histórias complexas e de extremas dificuldades, acrescido dos transtornos e da luta travada para adquirirem um local de sua propriedade são fatores que contribuem para uma forte predisposição topofílica desses indivíduos com o almejado lugar.

Já os jovens entrevistados, em sua maioria, estão vinculados mais com o espaço. O sentimento deles com o lugar é mais suscetível de ser abalado pela imagem que os outros possuem do mesmo, pelos conflitos vivenciados diariamente e pela falta de alternativa de lazer e locais de gozo. Há uma necessidade de explorar o mundo, o novo e o imprevisível, hora pela necessidade de risco, do prazer e de seus sonhos. Esse processo envolve a liberdade, a aventura e quem sabe uma nova lugarização. Além da necessidade de desvendarem novos lugares e novas experiências, alguns veem no espaço a possibilidade de escapismo, uma vez que não se sentem bem no lugar em que habitam, pois para muitos o mesmo o aprisionam. Existe o reconhecimento da importância desse Cohab para a sua família, principalmente, para a figura materna. Todavia, os vínculos maternos não são suficientes para que esses jovens venham a ansiar pela construção e pelo viver o tempo restante no Residencial Popular do Parque Lago, para eles um espaço.

Ao lado disso, a qualidade dos serviços públicos é muito importante, principalmente, por se tratar de uma comunidade carente que não tem condições, por exemplo, para pagar um hospital particular, matricular seus filhos em escolas privadas e terem cada um seu próprio automóvel para se descolar. Portanto, esse aspecto também influencia nos significados construídos pelos moradores, apesar de uns se importarem mais e outros menos. Chega a ser um consenso entre os moradores que ocorreu a amenização do problema da habitação, mas discorrem que o Estado se esqueceu de que, para uma boa habitabilidade também se é necessário de outras esferas tais como a da educação, do trabalho, da saúde, do transporte, do serviço social, da cultura e do lazer. A busca da consolidação de um lugar com mais qualidade de vida faz com que lideranças comunitárias surjam e em nome de seu lugar e de seu povo lutem e reivindicuem por melhorias.

Consideremos, a seguir, o padrão imposto pelo Poder Público. Nos estudos de Edward Relph (1976), o geógrafo enfatiza que locais estandardizados, monótonos, xerocopiados e reproduzidos conduzem a um estranhamento. Contudo, no Conjunto Habitacional em tela, tal repetição, não foi questionada como negativa por nenhum dos residentes. Notamos que a essência da casa, o de habitação e moradia, contribuiu para isso, uma vez que os mesmos não possuíam uma casa própria para abrigar sua família. Com efeito, reparamos que o lugar em seu todo se modificou amplamente, ganhando nova fisionomia.

A imensa maioria das casas mudou a sua conformação e seu entorno, uma se transformaram mais, enquanto outras menos. A construção de muros, a instalação de portão, a pintura, a extensão e modificação da estrutura da residência são as principais metamorfoses e caracterizam a despadronização do modelo imposto inicialmente pelo Poder Público. Além dessa despadronização cada casa foi preenchida de significados antes ali não existentes pelos seus moradores e pelas pessoas que transitam naquele espaço, para uns ou outros, se transformado em lugar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Cohab do Parque Lago é uma repartição do espaço urbano do município de Formosa, com isto, o mesmo se insere na perspectiva da cidade, do bairro e do próprio arcabouço ideológico que envolve a criação de residenciais populares no Brasil e, também, soluções práticas e baratas para tentar solucionar o déficit habitacional que vem assolando o país.

Formosa é um município médio brasileiro que não se define apenas pelos seus mais de 100.000 habitantes, mas também pela sua complexidade e dinâmica que envolve as relações entre campo e cidade, sua localização e condições físicas relacionadas ao Cerrado e ao Planalto Central, mas também pela sua proximidade e intimidade que estabelece com a Capital Federal que veio para transformar profundamente o perfil desse município goiano.

Sem acesso a lotes urbanos regularizados, ora pelas condições de rendas das famílias, ora pela especulação fundiária que afeta o município, mas também pela inércia do poder pública em resolver a questão, surge o bairro do Parque Lago por meio de tortuosas ruas e residências fruto de autoconstrução, resultado da ocupação irregular e apropriação do espaço urbano pelas classes mais baixas.

Nós últimos 13 anos impulsionados pela crise habitacional, mas também pela iniciativa do Governo Federal chefiado por Dilma Rousseff, os conjuntos habitacionais surgem com uma opção viável para minimizar essa demanda. Neste contexto, nasce o Conjunto Habitacional do Parque Lago em Formosa-GO. Trata-se de moradia fotocopiadas em um bairro que já havia vários problemas de ordem social e estrutural. O mesmo chama atenção por ser o maior Cohab de Formosa-GO e também concentrar em seu espaço pessoas que vieram de diferentes bairros da



cidade e também de outros municípios da Ride, em especial, por pessoas sem muitas condições.

Isso levou ao estudo dos significados construídos por esses moradores nesse recorte espacial. Sendo assim, pode-se dizer que a colcha de retalhos tecida pelos indivíduos pesquisados é bem diversa e não poderia deixar de ser, sua construção é permeada de subjetividade e intersubjetividade. Nela há uma gama de linhas, cores e extensões de retalhos bem como na intrincada costura do dia a dia. Sendo assim, evidenciamos nas pesquisas realizadas no Conjunto Habitacional do Parque Lago, a emergência de sentidos topofilicos e topofóbicos diferenciados, seja entre pessoas que habitam o mesmo local ou até a mesma casa, seja entre jovens e pessoas mais vividas. Ao lado disso, notamos que a qualidade dos serviços públicos também influencia nos significados construídos pelos moradores, apesar de uns se importarem mais e outros menos.

Enquanto escrevo as últimas palavras a colcha de retalhos continua sendo tecida no conjunto habitacional do Parque Lago. Os tecedores de hoje podem não ser os de amanhã. Outras pessoas podem se reunir na ciranda desse lugar. Muitos daqueles que costuraram seus retalhos na colcha podem não estar mais envolvidos nesta berlinda. A roda da vida pode direcionar a tecer novos lugares. O tempo é um agente importante e ele conduzirá a construção de novos retalhos, bem como o desligamento deles ou sua ressignificação. Como qualquer outra colcha ela está sujeita também as intempéries de pragas que tendem a desgastar e causar rupturas no tecido do mundo vivido. Mesmo não emaranhados mais nessa cobertura ela dificilmente sairá da memória de quem a construiu, seja pelo calejamento na mão ao tentar ligar um ponto ao outro, durante o transcurso da vida, ou pelos bons momentos de tecelão, em outras palavras, do indivíduo ou dos grupos sociais, em seu lar/lugar, o Conjunto Habitacional Parque Lago.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA GOIANA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL - AGDR (2014). Governo leva obras para o município de Formosa. Disponível: <[www.agdr.goias.gov.br/post/ver/171981/governo-leva-obras-para-o-municipio-de-formosa](http://www.agdr.goias.gov.br/post/ver/171981/governo-leva-obras-para-o-municipio-de-formosa)>. Acesso em: 16 set. 2014.

ALVAREZ, I. P. A segregação como conteúdo da produção do espaço urbano. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (orgs). A Cidade Contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, p. 111-126, 2013.

ARRAIS, T. A. Geografia contemporânea de Goiás. Goiânia: Editora Vieira, 2004, 164 p.

ASSAD, E. D. Chuvas no Cerrado: análise e espacialização. Brasília: EMBRAPA-CPAC : EMBRAPA - SPI, 1994.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional; GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento; FORMOSA, Prefeitura de (2003). Plano Diretor do Município de Formosa/GO. Disponível: <[http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD\\_Formosa.pdf](http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD_Formosa.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BOLLNOW, O. F.. O homem e o Espaço. Tradução de Aloíso Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008, 327 p.

CARLOS, A. F. A. O espaço urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labor Edições, 2007, 123p.

CARLOS, A. F. A.. Cidade. São Paulo: Contexto, 2013, 98 p.

CORRÊA, R. L. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, 304 p.

CORRÊA, R. L. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (orgs). A Cidade Contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, p. 39-59, 2013.

CERTEAU, M. A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 351 p.

CERTEAU, M.; GIARD, L. Entremeio. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do Cotidiano: 2. Morar; cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 189-207, 2013.

DARDEL, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica; tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011, 113 p.

FREMÓNT, A. A região, espaço vivido. Coimbra: Almedina, 1980, 220 p.

GOMES, H.; NETO, A. T.; BARBOSA, A. S. (Org.). Geografia: Goiás-Tocantins. Goiânia: Editora UFG, 2004.

GOMES J. G. Olhares das alterações da paisagem urbana: uma análise através de diversos sujeitos e lugares na região sul de Formosa, GO. 2015, 132 p. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade Estadual de Goiás, Formosa, GO, 2015.

GRAEBIN, G. S. A fala de Formosa/GO: A pronúncia das vogais médias pretônicas. 242 f. 2008. (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, 2008.

HALLEY, B. M. O bairro e os sentidos do Lugar. Geograficidade, v. 4, n. 1, p. 43-57, verão 2014.

HOEFLE, S. W. Epistemologia e teoria cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: uma ontologia (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 17-42, 2012.

INSTITUTO DE BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. (2010). Operação censitária. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. Goiás; Formosa. Disponível: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=520800>>. Acesso: 08 jan. 2016.

LEFEBVRE, Henri. O direito à Cidade. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991, 145 p.

MATTOS, Rogério Botelho. O mundo Vivido por uma Comunidade Urbana: O caso do Condomínio Residencial José de Alencar. Cad. Geoc., Rio de Janeiro, n. 13, p. 47-62, Jan./Mar. 1995.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do Cotidiano: 2. morar; cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 37-180, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD (2013). Ranking IDHM Municípios 2010. Disponível: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

ROLNIK, R. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995, 88 p.

SANTOS, C. B. R. Agronegócio: uma articulação do capital impactando a paisagem do município de Formosa e entorno. 2014, 163 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Formosa, 2014.

SANTOS, C. C. Estudos de práticas sócio-espaciais a partir de um conjunto habitacional do BNG: reflexões acerca de práticas cotidianas atuais no condomínio residencial Ignêz Andreazza em Recife-PE. 2002, 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, 2002.

SANTOS, M. O espaço do cidadão. 5 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000, 142 p

SPOSITO, E. S. A vida nas cidades. São Paulo: Contexto, 2013, 90 p.

TEIXEIRA, R. A.; BARREIRA, C. C. M. A. Formosa: Portal do Nordeste Goiano ou um Pólo Regional no Entorno de Brasília?. Sociedade e Natureza, Uberlândia, n. 19, v. 1, 2007.

TUAN, Y-F. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina, PR: EdueL, 2012, 344 p.

TUAN, Y-F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013a, 248 p.

TUAN, Y-F. A cidade: sua distância da natureza. Geograficidade, v. 3, n. 1, p.4-16, verão 2013b.

VIEIRA, G. J. Formosa, Cidade e Povo. Brasília: ed. Kelps, 2010

Contato com o autor: Rodrigo Capelle Suess <rodrigo.cappellesuess@gmail.com>

Recebido em: 28/07/2017

Aprovado em: 17/02/2019